



TOPOLOGIA DAS AGÊNCIAS BANCÁRIAS DO BANCO DA AMAZÔNIA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Emily Khetlen Pessoa Venâncio ¹
Fredson Bernardino Araújo Da Silva ²
Thiago Oliveira Neto ³
Euler Cavalcante Eleotério ⁴

RESUMO

A relação entre território e finanças tem ganhado destaque dentro dos estudos da geografia. Nesse contexto, o estudo da topologia das agências bancárias surge como chave para entender as estratégias de distribuição espacial adotadas pelos bancos, especialmente diante da tendência de redução desses fixos geográficos. Na região amazônica, os estudos sobre a topologia das agências se mostram mais latentes. Com isso, busca-se por meio desta pesquisa, trazer o Banco da Amazônia para o debate dos estudos que abarcam a temática do território e das finanças, evidenciando sua função enquanto um banco de desenvolvimento regional. O objetivo desta pesquisa é discutir a topologia das agências bancárias do Banco da Amazônia no recorte espacial da Amazônia brasileira. Para isso, realizou-se um levantamento bibliográfico e coleta de dados quantitativos no IBGE, REGIC e site da instituição bancária. Para interpretar a lógica territorial do Banco, propõe-se que a mesma pode ser explicada a partir de três elementos: a hierarquia da rede urbana da região, os projetos do Estado brasileiro voltados ao desenvolvimento econômico e as atuais dinâmicas dos circuitos espaciais produtivos. Em sua prática territorial, identificou-se que o Banco apresentava uma distribuição centrada na importância dos centros urbanos e cidades que apresentam contextos regionais de altas posições na hierarquia urbana na classificação dada pelo IBGE. A seletividade espacial das agências do Banco acaba por potencialmente reforçar as disparidades internas da Amazônia, direcionando a maior oferta de serviços de crédito para frações territoriais com maior dinamismo econômico em detrimento daqueles municípios de menor importância na economia política da rede.

Palavras-chave: Topologia bancária, Banco da Amazônia, Amazônia.

ABSTRACT

The relationship between territory and finance has gained prominence in geography studies. In this context, the study of the topology of bank branches emerges as key to understanding the spatial distribution strategies adopted by banks, especially in view of the trend toward reducing these geographic fixtures. In the Amazon region, studies on the topology of branches are more prevalent. Thus, this research seeks to bring Banco da Amazônia into the debate on studies covering the theme of territory and finance, highlighting its role as a regional development bank. The objective of this research

¹ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, emilyvenancio9@gmail.com;

² Doutorando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, fbernardino1997@gmail.com;

³ Doutor em Geografia Humana pela Universidade do Estado de São Paulo - USP, professor no Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, thiagoton@ufam.edu.br;

⁴ Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, eulerchalestero2@gmail.com;



is to discuss the topology of Banco da Amazônia's bank branches, focusing on the Brazilian Amazon region. To this end, a bibliographic survey was conducted and quantitative data was collected from IBGE, REGIC, and the bank's website. To interpret the Bank's territorial logic, it is proposed that it can be explained based on three elements: the hierarchy of the region's urban network, the Brazilian government's economic development projects, and the current dynamics of spatial production circuits. In its territorial practice, it was identified that the Bank presented a distribution centered on the importance of urban centers and cities that have regional contexts with high positions in the urban hierarchy in the classification given by the IBGE. The spatial selectivity of the Bank's branches ultimately has the potential to reinforce internal disparities in the Amazon, directing the greatest supply of credit services to territorial fractions with greater economic dynamism to the detriment of those municipalities of lesser importance in the political economy of the network.

Keywords: Banking topology, Banco da Amazônia, Amazon.

INTRODUÇÃO

A relação entre território e finanças vem ganhando destaque dentro dos estudos da geografia, especialmente no que diz respeito ao entendimento da hipercapilaridade das finanças, que possibilitou a expansão da disponibilidade de crédito para cada vez mais pessoas e lugares. Dentro dessa temática, o estudo da topologia das agências bancárias surge como chave para entender as estratégias utilizadas pelos bancos em sua distribuição espacial, visto que nesse processo esses fixos geográficos tendem a serem reduzidos, se concentrando em locais onde a base material disponibilizada para operação do sistema financeiro é mais adensada, e (ou) apresentam diversidade de circuitos espaciais produtivos e de possibilidade de financiamentos.

Quanto aos estudos acerca da topologia das agências na geografia, os mesmos têm em sua maioria se concentrado ao sul e sudeste do Brasil, tratando-se especialmente dos bancos privados, com poucas abordagens em torno da lógica dos bancos de caráter público. Para a Amazônia, tal temática se mostra mais latente. Alguns trabalhos foram feitos em contextos estaduais, buscando desvendar as lógicas desse agente tão emblemático e complexo que é um banco, no entanto, ainda sem um enfoque na instituição que trabalha na região enquanto um banco de desenvolvimento regional, o Banco da Amazônia. Com isso, busca-se por meio desta pesquisa, trazer o Banco da Amazônia para o contexto dos estudos que abarcam a temática do território e das finanças, evidenciando sua função enquanto um banco para o desenvolvimento da região que visa, a partir disso, a redução das disparidades regionais existentes. Neste enfoque, destaca-se a topologia (Silveira, 2009) das agências desse banco de desenvolvimento regional.

O entendimento da topologia das agências do Banco da Amazônia contribui para compreender a atuação e o consumo do território por parte desta corporação. A opção pela integralidade do recorte espacial da Amazônia brasileira se deu com vistas de uma aproximação



inicial acerca das especificidades de sua distribuição entre os nove estados brasileiros onde atua. Com isso, a presente pesquisa traz uma elucidação para estudos de uma geografia das finanças na Amazônia relacionada ao Banco da Amazônia, mas que pode se aplicar a outras instituições financeiras públicas.

Diante disso, o objetivo da presente pesquisa é discutir a topologia das agências bancárias do Banco da Amazônia, tendo como recorte espacial a Amazônia. Para isso, buscou-se mapear a rede de agências do Banco da Amazônia e, a partir disso, analisar a lógica territorial da distribuição espacial da instituição, levando em consideração fatores como gestão do território e rede urbana. Para atingir os objetivos propostos, realizou-se um levantamento bibliográfico e de dados quantitativos no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Regiões de Influência das Cidades (REGIC) e site da instituição bancária em foco.

A fim de interpretar a lógica territorial do Banco, propõe-se que a mesma pode ser explicada a partir de três elementos: a hierarquia da rede urbana da região, os projetos do estado brasileiro para o desenvolvimento econômico e as atuais dinâmicas dos circuitos espaciais produtivos. Nossa hipótese é que a instituição financeira, em sua prática territorial, não olvida os significados e importâncias dos centros urbanos e cidades que apresentam alta hierarquia urbana na classificação dada pelo IBGE no último REGIC, em 2018.

Desse modo, a discussão aqui proposta é uma tentativa inicial tanto de contribuir para os estudos de uma geografia das finanças com análise regional, quanto para entender a atuação de um banco de desenvolvimento regional na Amazônia, para além do viés das discussões que abarcam o planejamento regional em sentido estrito.

METODOLOGIA

Como caminho metodológico para o desenvolvimento da pesquisa, realizou-se um levantamento bibliográfico em livros, teses, dissertações e artigos com a temática território e finanças, gestão do território e rede urbana na Amazônia para a construção teórica. Para realização do mapeamento das agências bancárias e superintendências do Banco da Amazônia, foram coletadas a lista das agências e seus respectivos endereços no site da instituição. Para realização do mapeamento, foi utilizado o *software* Google Earth Pro, onde as agências foram localizadas, essas foram espacializadas no Qgis, resultando no material essencial para realização da discussão proposta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Banco da Amazônia é um dos poucos bancos regionais do Brasil, isso é resultado de uma dinâmica de concentração da rede bancária nacional, fenômeno caracterizado pela monopolização por parte de grandes bancos, que incorporaram bancos menores e expandiram sua capilaridade, especialmente ao longo das últimas décadas do século XX (Corrêa, 1989). Além disso, do ponto de vista do território amazônico, a atuação financeira emerge como um importante fator de diferenciação espacial, pois a configuração da rede bancária revela uma divisão territorial entre espaços de comando e espaços a serem comandados (Contel, 2007).

Criado em 1942 enquanto parte de uma ação de esforço de guerra conjunta, entre Brasil e Estados Unidos, no âmbito dos Acordos de Washington, o banco surge inicialmente com o nome de Banco de Crédito da Borracha, com a função de ser o agente financeiro de apoio ao revigoramento da extração do látex na Amazônia. Ao longo do século XX, suas características e funções vão se modelando (Figura 1) até assumir a função de um banco de desenvolvimento regional. Em 1950 passa a se chamar de Banco de Crédito da Amazônia, e em 1966, como parte do conjunto de transformações trazidas pela “Operação Amazônia”, a instituição assume o papel de agente financeiro executor das políticas de desenvolvimento do governo federal na região com o nome de Banco da Amazônia, que carrega até o período atual.

Figura 1 - Mudanças do Banco da Amazônia ao longo da história.

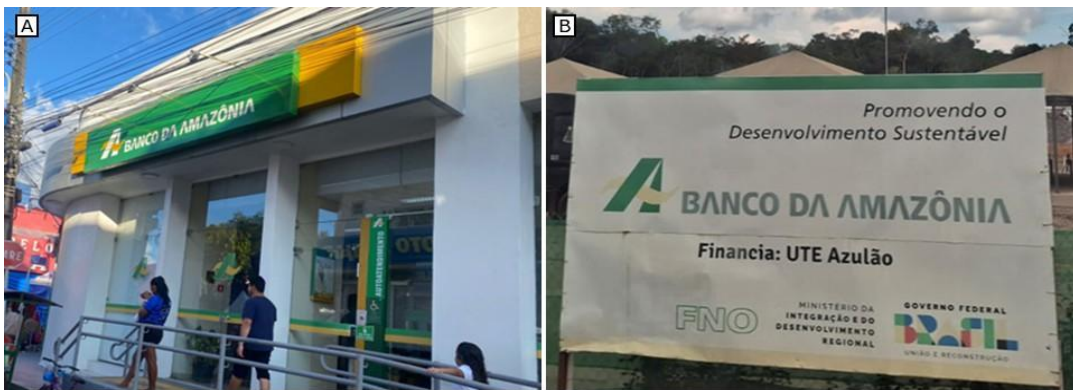


Org. a autoria (2025).

No período atual, a instituição financeira atua no território por meio da disponibilidade de crédito, a partir principalmente dos financiamentos, para empreendimentos em diversos

setores da economia da região tendo como principal fonte de recurso para essa atividade o FNO. Nesse contexto, o Banco da Amazônia tem como objetivo principal ser “indutor e executor das políticas públicas de desenvolvimento para a Amazônia” (Costa *et al.*, 2023, p. 43), nos nove estados que compõem a região. A manifestação espacial da sua presença se dá tanto pelos seus fixos geográficos, as agências bancárias, quanto pelas placas de financiamento (Figura 2).

Figura 2 – Manifestação espacial do Banco da Amazônia no território. A) Agência bancária em Parintins-AM; B) Placa de financiamento em Silves-AM.



Fonte: a autoria (2025).

A agência é um fixo geográfico bancário (Contel, 2007) que permite o acesso aos serviços financeiros, sendo representativa pois demonstra a presença da instituição financeira no território. Já as placas de financiamento, estão presentes nos empreendimentos que possuem vínculo com o banco, ou seja, ainda estão em processo de quitamento do financiamento, estas são a manifestação direta da atuação do Estado a partir dos seus mecanismos financeiros.

O Sistema bancário nacional vem passando por mudanças significativas desde pelo menos a década de 1990 (Contel, 2007; 2009; Videira *et al.*, 2025), que envolvem de maneira geral a hipercapilaridade das finanças no território, a redução no número de agências bancárias, o surgimento das *fintechs*, a diversificação das novas formas de prestação de serviços bancários, entre outras.

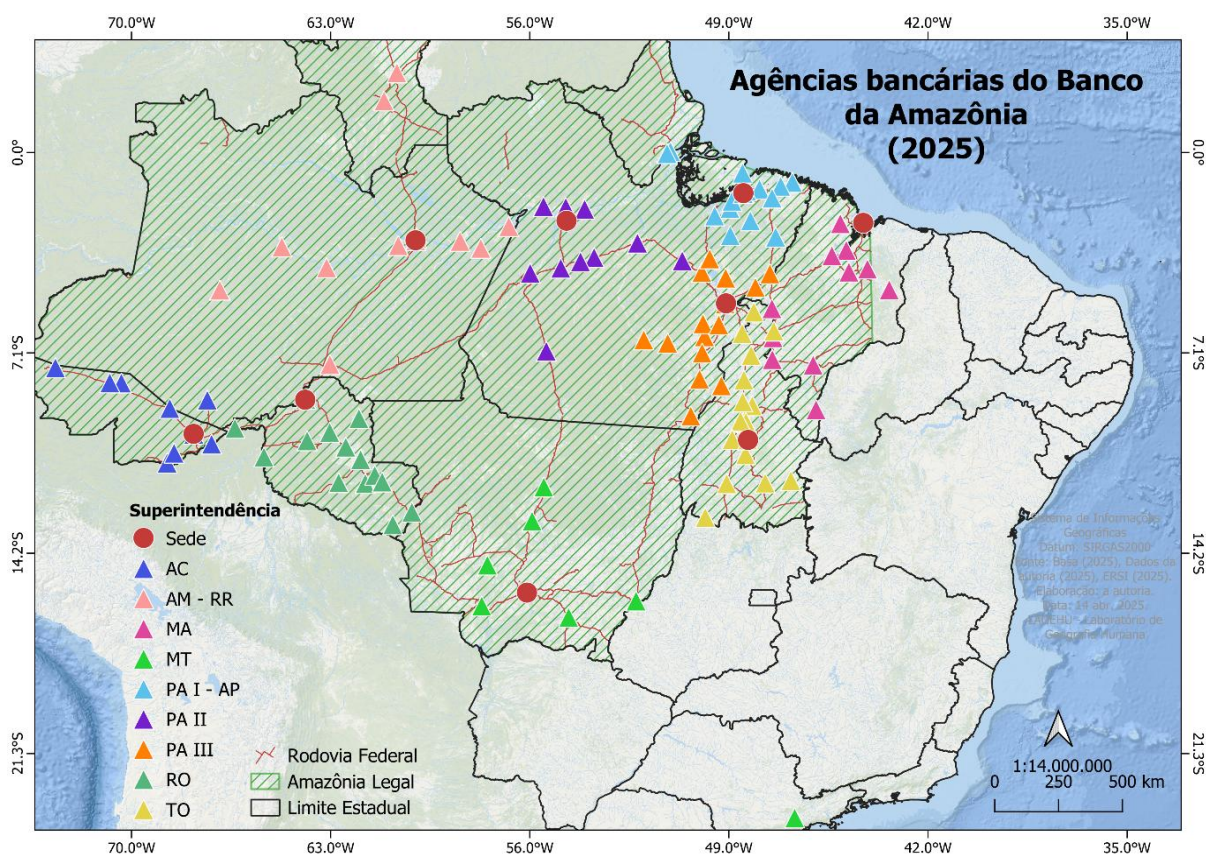
No entanto, mesmo diante deste cenário, destaca-se que as agências bancárias ainda são um fixo de fundamental importância para as porções mais marginalizadas do território, que não apresentam rede técnica tão robusta para a capilarização das finanças digitais, ou ainda necessitam da agência como uma figura estatal de apoio ao desenvolvimento local. Contel (2007) destaca que esse é o mais importante fixo geográfico para a prestação dos serviços bancários, relevantes principalmente nas “áreas opacas do território” (Contel, 2007, p. 228). Videira *et al.* (2025) destacam a importância da agência para o atendimento da parcela da

população que ainda prioriza a maneira presencial devido às dificuldades de adaptação ao atendimento virtual.

De maneira geral, as agências bancárias ainda são fixos importantes principalmente para localidades que não se configuram enquanto grandes centros urbanos, com intenso dinamismo econômico e significativo contingente populacional. Portanto, a espacialização da rede de agências bancárias de uma instituição financeira pública que tem como objetivo o desenvolvimento de uma região historicamente marginalizada torna-se de extrema importância, a fim de analisar a lógica territorial da distribuição espacial da instituição e como ela enxerga as especificidades territoriais dos estados onde atua.

A partir da espacialização das agências bancárias do Banco da Amazônia no recorte espacial da Amazônia brasileira (Figura 3), foi possível identificar a lógica territorial mais visível, isto é, a topologia (Silveira, 2009) das agências desse banco de desenvolvimento regional.

Figura 3 - Agências bancárias do Banco da Amazônia na Amazônia brasileira em 2025.



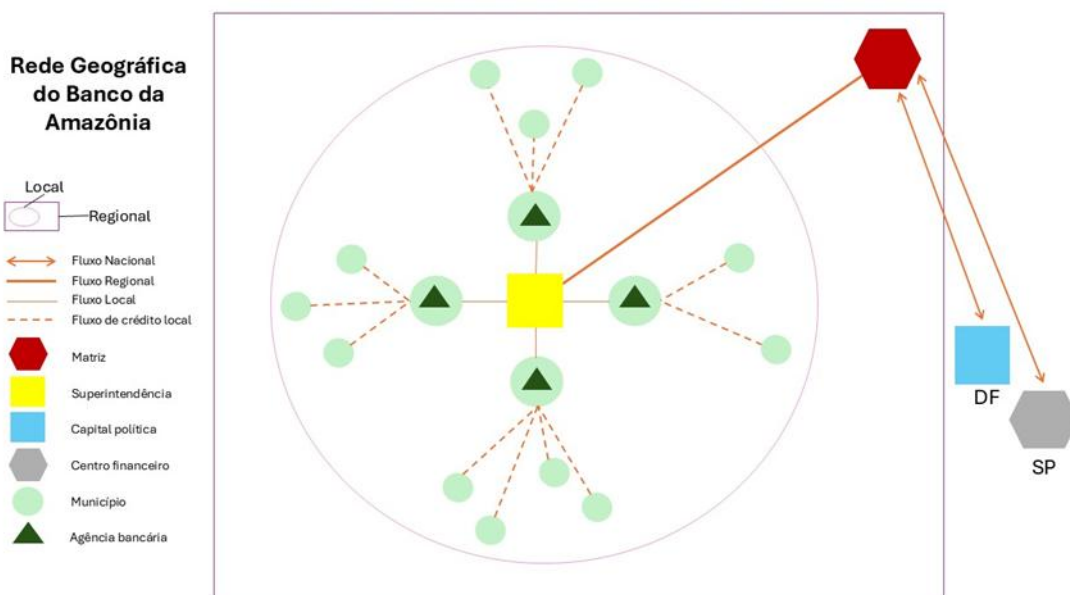
Org. a autoria (2025).

Conforme observado acima, o Banco da Amazônia possui agências em todos os estados da Amazônia brasileira, e no estado de São Paulo. Além disso, sua estrutura organizacional

também conta com as superintendências, que são o centro de gestão da instituição financeira, responsável pela execução dos processos produtivos do recorte espacial designado para determinada unidade (Banco da Amazônia, 2025a), e a sede da instituição, que fica localizada na cidade de Belém, no estado do Pará. A partir disso, podemos pensar a maneira como o banco se organiza para atuar no território, a partir de agências, superintendências e a sua sede, além das articulações com outros pontos do território, o banco estrutura sua rede geográfica (Figura 4 e 5).

Diante desse contexto, podemos identificar uma hierarquia da rede bancária do Banco da Amazônia, com centros de gestão territorial e locais de atuação local, de todo modo, pode-se visualizar que essa hierarquia corresponde em certa medida em uma manifestação das centralidades da rede urbana.

Figura 4 – Rede geográfica do Banco da Amazônia.

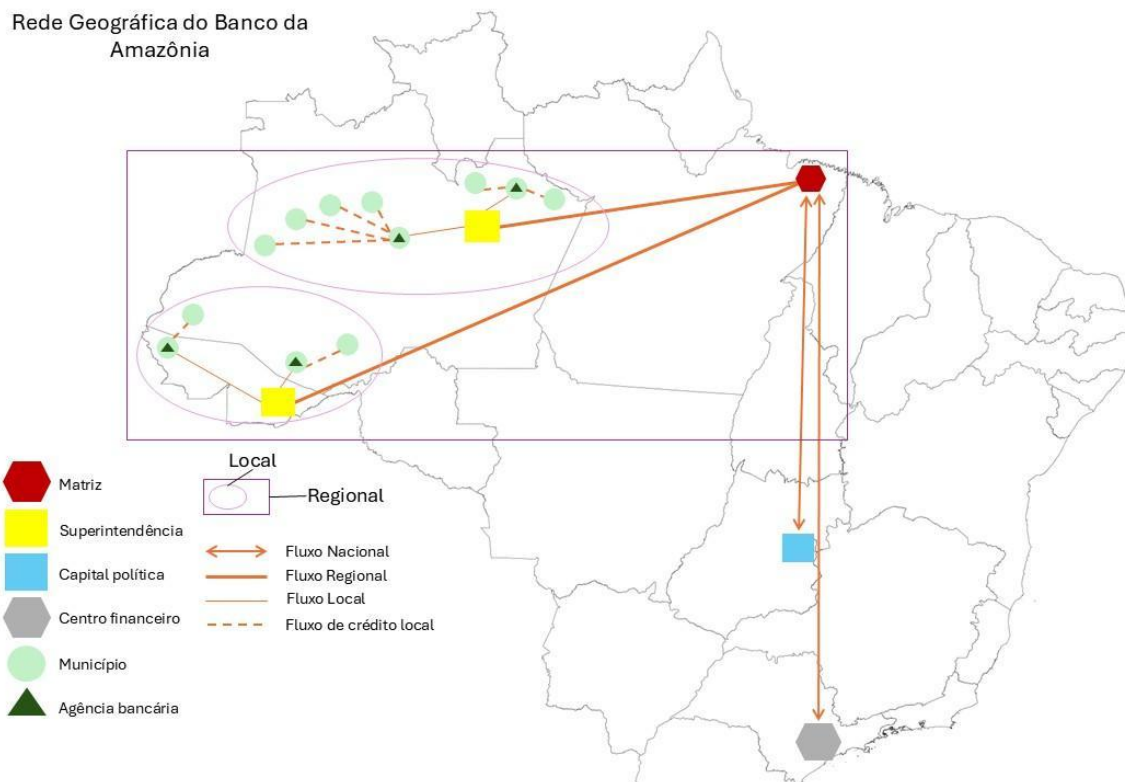


Org. a autoria (2025).

Essa rede, envolve tanto seus fixos (agências, superintendências, sede e municípios), quanto seus fluxos (de informação, comando e crédito), que são fundamentais pois estruturam e delimitam as escalas de sua atuação e comando em local, regional e nacional. A instituição financeira possui uma representação em São Paulo, que é o centro financeiro do país, apesar de sua atuação se deter apenas no recorte da Amazônia brasileira. Além disso, tem fortes ligações com Brasília, a capital política do país, que é de onde partem as principais decisões que norteiam sua atuação. A capilarização dos serviços do banco no território, principalmente em localidades sem agências, ocorre mediante ao que chamamos de fluxo de crédito, por meio da captura de

influências oriundas da organização da rede urbana, onde um município com agência tem influência e disponibiliza serviços aos municípios vizinhos, na Amazônia tal dinâmica é muito presente.

Figura 5 – Representação da rede geográfica do Banco da Amazônia.

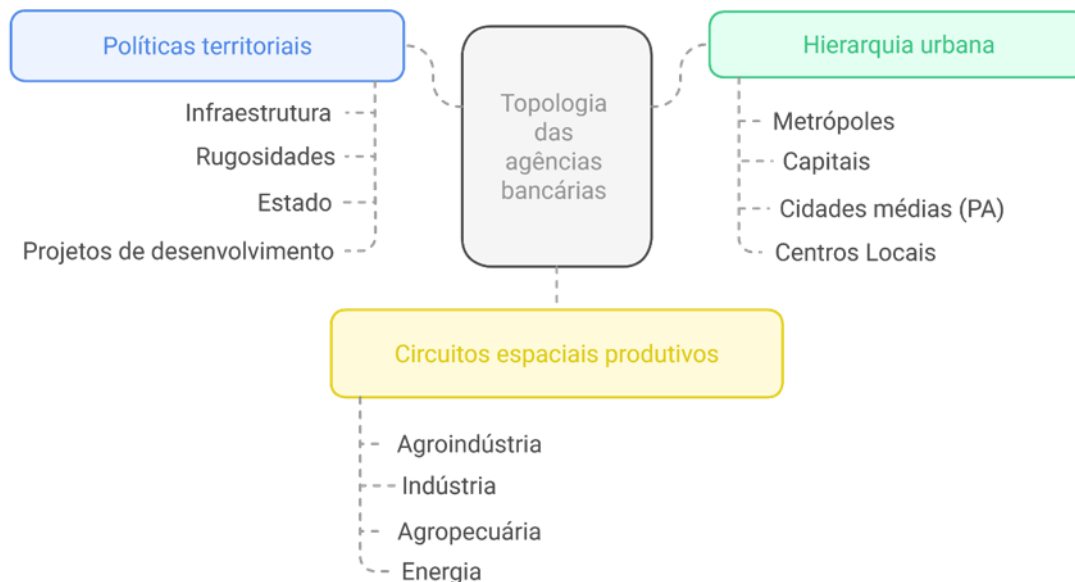


Org. a autoria (2025).

A partir da elucidação proposta acima, é possível visualizar a escala da atuação deste banco de desenvolvimento regional. A capilarização dos serviços bancários pelo fluxo de crédito segundo a captura de influências, reforça as centralidades da própria rede urbana já mapeada pela REGIC.

A partir da topologia das agências bancárias do Banco da Amazônia na Amazônia brasileira, foi possível identificar três elementos que compõem sua atual dinâmica espacial que elucidam sua lógica territorial, são elas: a hierarquia da rede urbana da região, os projetos do estado brasileiro para o desenvolvimento econômico e as atuais dinâmicas dos circuitos espaciais produtivos (Figura 6). Esses elementos destacam que a lógica da instituição pública financeira de se alocar no espaço são resultados de diversos fatores que podem contribuir conjuntamente ou de maneira única para a presença de uma agência do banco nos municípios amazônicos.

Figura 6 – Esquema de análise da topologia das agências bancárias do Banco da Amazônia.



Org. a autoria (2025).

O primeiro elemento a ser considerado diz respeito às centralidades da rede urbana amazônica. Em geral, as agências estão situadas em cidades que apresentam níveis mais altos na hierarquia urbana, especialmente metrópoles, capitais regionais, centros sub-regionais e centros locais, conforme classificação da REGIC (IBGE, 2018). As sedes das superintendências, que atuam como o centro de gestão do território, estão presentes apenas nas metrópoles, Manaus e Belém, e demais capitais estaduais de Rio Branco, Porto Velho, Cuiabá, São Luís e Palmas, sendo as exceções os centros intermediários paraenses de Marabá e Santarém. Ou seja, os centros de gestão dos estados de Roraima e Amapá estão deslocados, respectivamente, para Manaus e Belém. Isso nos faz refletir sobre as estratégias que atualmente estão sendo postas em prática pela instituição para reduzir as disparidades regionais, quando se observa em contraponto uma centralização da gestão nas metrópoles já estabelecidas.

O estado do Pará possui uma maior centralidade quanto às operações do banco, tendo mais agências, três superintendências, sendo que uma delas compreende também o território do Amapá, e o maior aporte de financiamentos (Banco da Amazônia, 2025b). Entre os anos de 2019 a 2023, foram estimados, segundo a programação financeira de aplicação de recursos da instituição, mais de 16 bilhões de reais a serem aplicados no estado em financiamento de projetos produtivos (Banco da Amazônia, 2025b).

O segundo elemento corresponde pela herança histórica dos últimos 50 anos vinculada a programas governamentais de desenvolvimento econômico, como o Polamazônia, Polocerrado, Polonoroeste, Zona Franca de Manaus e o Projeto Carajás. Esses programas



deixaram marcas no território por meio de infraestruturas e atividades produtivas que continuam a se expandir em área e produção. Nesse sentido, as agências bancárias atuais perfazem sua rede de modo a interagir com as rugosidades que o espaço acumula (Santos, 2006). A partir da malha técnica e da infraestrutura apresentada principalmente nos estados do Acre, Rondônia, Mato Grosso, Pará, Tocantins e Maranhão, a topologia das agências bancárias se interliga historicamente por meio de um sistema de engenharia, composto por rodovias, ferrovias e a base técnica que permite os fluxos informacionais. Ou seja, a rede bancária do Banco da Amazônia reproduz a intervenção histórica do Estado no território, condicionando rugosidades no presente, forma-se, portanto, um “relevo” simbólico e funcional no espaço em que o adensamento técnico e de comando são os conteúdos principais.

O terceiro elemento refere-se às dinâmicas atuais do território, resultantes tanto dos projetos anteriormente mencionados quanto de novos empreendimentos agroindustriais, industriais, agropecuários ou de geração de energia elétrica. A presença de uma agência em municípios considerados centros locais, mais baixo nível da hierarquia urbana brasileira, conforme classificação da REGIC, podem estar ligados a concentração de atividade produtiva que captam e necessitam de crédito para sua realização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia da rede bancária apresenta dimensões espaciais e temporais que remetem a maneira como o Estado organiza e incentiva a produção e a gestão territorial do crédito. No caso do Banco da Amazônia, a sua complexa organização espacial atual corresponde por uma rede bancária que apresenta fortes vínculos com a estrutura territorial (rede urbana principalmente) e o predomínio de atividades que necessitam de acesso a crédito para sua realização.

Ainda no contexto desta geografia, deve-se reforçar que a espacialidade deste banco é condicionada pela estrutura da rede urbana e pelas atividades econômicas já existentes, mas além disso, o banco passa a ter outros movimentos de atuação no território com o financiamento de grandes projetos (como o caso do Azulão 950) e de atividades diversas, o que representa um certo movimento de expansão da creditização no território.

Por fim, a análise da topologia das agências bancárias do Banco da Amazônia evidencia como a presença física das agências se configura como um instrumento territorial para o desenvolvimento regional na Amazônia, especialmente se comparado ao contexto do Brasil meridional, que apresenta uma maior desconcentração da malha técnica. Para além dos



principais centros urbanos da Amazônia, a presença de instituições financeiras dedicadas ao desenvolvimento regional se torna essencial para promover a integração dos circuitos produtivos e estimular o fluxo de investimentos em áreas historicamente de maior exclusão social. Contudo, a distribuição das agências do banco, ao pautar-se, de maneira predominante, em critérios de hierarquia urbana e de centralidades já estabelecidas, acaba por potencialmente reforçar as disparidades internas da Amazônia, direcionando a maior oferta de serviços de crédito para frações territoriais com maior dinamismo econômico em detrimento daqueles municípios de menor importância na economia política da rede.

REFERÊNCIAS

BANCO DA AMAZÔNIA. **Institucional**. 2025a. Disponível em: <https://www.bancoamazonia.com.br/acesso-a-informacao/institucional>. Acesso em: 05 de junho de 2025.

BANCO DA AMAZÔNIA. **Planos de Aplicação de Recursos FNO**. 2025b. Disponível em: <https://bancoamazonia.com.br/fno/planos-de-aplicacao-de-recursos?highlight=WyJ0b2RhcyIsImFzIiwzM9udGVzIl0=>. Acesso em: 12 abr. 2025.

CONTEL, Fabio Betioli. Espaço geográfico, sistema bancário e a hipercapilaridade do crédito no Brasil. **Caderno CRH**, v. 22, n. 55, p. 119-134, 2009.

CONTEL, Fabio Betioli. **Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Concentração bancária e os centros de gestão do território**. Revista Brasileira de Geografia, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 17-32, 1989.

COSTA, Márcia Mithie Kitagawa da; SILVA, Leidisan Saboia do Amaral da; LOPES, Maria Lúcia Bahia. O papel do Banco da Amazônia no desenvolvimento regional. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, v. 44, n. 144, p. 41-54, 2023.

IBGE. **Regiões de influência das cidades: (REGIC)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SILVEIRA, Maria Laura. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 22, n. 55, p. 65-76, 2009.

VIDEIRA, Sandra Lúcia; SANTOS, Nayara Fernanda dos; PRADA, Joanderson da Silva. Modernização e desigualdade: a evolução do sistema bancário brasileiro e a capilaridade dos Correspondentes Bancários. **Confins**, n. 67, 2025.



ENANPEGE
XVI Encontro Nacional de Pós-Graduação e
Pesquisa em Geografia

